

## A PRIMAZIA DA REVELAÇÃO SOBRE A INTERPRETAÇÃO

“E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Mateus 16:15-16

Quando uma lei é editada, a mesma adquire vida própria. Não mais se indaga a intenção do legislador que a produziu. Ela será aplicada conforme a interpretação de cada época.

A criação literária ou artística experimenta o mesmo caminho. Uma vez trazida à luz, afasta-se da intencionalidade que lhe serviu de inspiração e passa a ser objeto da análise crítica dos seus receptores.

Houvesse que ser revelado pelo autor o pensamento original, não haveria lugar para críticos e intérpretes. Não seria arte.

Ao intérprete de texto cabe ver, se não com a luz dos lampiões, com a luz da alma. Nesse sentido, a capacidade de ver em nada difere da capacidade de interpretar.

No contexto bíblico, os métodos de interpretação são os mais variados. E o são porque acompanharam o processo histórico e o desenvolvimento do pensamento humano.

Iremos nos deter, doravante, no que a Bíblia diz sobre isso.

Jesus testou a capacidade de interpretação dos seus discípulos quando lhes indagou o que os homens diziam a respeito dele e o que eles próprios achavam. João Batista, Elias, ou algum dos profetas, disseram. Mas Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Jesus então lhe disse: Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.

As palavras de Pedro reproduziam a interpretação autêntica de quem Jesus era, pois a revelação procedia do Pai.

Na seara teológica, nos dias atuais, a interpretação das escrituras sagradas apresenta-se tão diversificada quanto o número de crenças em que se fragmentou o Cristianismo.

A tentativa de unir instituições, pelos princípios que lhe são comuns, parece tão improvável quanto à hipótese de o cristão superar o senso comum e desprender-se da lente religiosa que condiciona a leitura que faz das escrituras.

Em sede de interpretação, o mais seguro é reconhecer que a Bíblia explica a Bíblia. É o método que mais se assemelha à interpretação autêntica, haja vista que nenhuma profecia é de particular interpretação, pois nenhuma foi produzida pela vontade humana.

Assim, coisas espirituais são comparadas com coisas espirituais e discernidas espiritualmente. (1 Cor 2: 10-16).

Essa distinção entre o secular e o espiritual indica o caminho para a compreensão dos segredos da Palavra de Deus:

“E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.”  
Rm 12:2

A palavra grega empregada no texto é metanoia (μετανοεῖν). Na sua literalidade significa “além da mente”.

Portanto, a promessa de o Consolador nos ensinar todas as coisas é a intervenção sobrenatural indispensável para compreensão da Palavra de Deus.

Aliás, como o próprio apóstolo Paulo afirmara, o evangelho que ele recebeu não o aprendeu de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo.

O fato é que se os dons e as operações do Espírito Santo existem isso se dá porque a Palavra diz que eles existem.

A conexão da mente com a palavra é que faz fluir o espírito.

Logo, dons e operações, estando em concordância com as Escrituras, são por elas reconhecidos e confirmados.

Mas isso, longe de ser aceito com tranquilidade, suscita debates teológicos intermináveis, especialmente pelos que acreditam que a definição do Cânon Bíblico pôs fim à era das revelações.

A revelação de Jesus à mulher samaritana, como a fonte das águas vivas, confrontou o modelo religioso que ela conhecia. O deslocamento diário ao poço de Jacó para buscar água em nada mudara a vida daquela mulher.

Os que bebessem daquela água voltariam a ter sede, assim como os que comeram do maná morreram no deserto. Nem o caráter religioso nem a literalidade desses escritos foram capazes de dessedentar a alma do homem.

Quando Jesus ensinou que os verdadeiros adoradores o adorariam em espírito e em verdade, ele profetizava que o templo de Jerusalém daria lugar ao templo de verdade, o templo do Espírito Santo.

A um novo modelo de adoração corresponde uma nova forma de revelação.

Conhecimento de Deus e dons, tendo como excelência o amor, são graciosamente distribuídos na vida da igreja.

Este é o cenário em que a palavra revelada se fará ouvir mais atentamente do que os dogmas e as interpretações.

Se os últimos dias projetam o espriar da apostasia pelas igrejas não é menos verdade que um grande avivamento precederá a vinda do Messias.

Nessa hora, a advertência do livro da revelação - Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o espírito diz às igrejas - Ap 2:7, fará a diferença nos destinos da noiva de Cristo.

Dentre todas as interpretações possíveis sobre a volta de Jesus, a primazia será da revelação.

Que Deus nos abençoe.

Pastor Hélio Peixoto – Vitória-ES

